

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

THIAGO PINHO RESENDE

EDITOR-BIBLIOTECÁRIO: UMA NOVA PROFISSÃO?

Rio de Janeiro

2015

THIAGO PINHO RESENDE

EDITOR-BIBLIOTECÁRIO: UMA NOVA PROFISSÃO?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientador (a): Lúcia Cruz Fidalgo

Rio de Janeiro

2015

Ficha catalográfica

RESENDE, Thiago Pinho

T422e

Editor-Bibliotecário: Uma Nova Profissão? / Thiago Pinho Resende. — 2015.

60p; Il.; 29,7cm

Orientador: Lucia Cruz Fidalgo.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação).
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, 2015.

1. Biblioteconomia; 2. Editoração; I. Resende, Thiago Pinho; II. Pinho Resende, Thiago.

CDD: 020

THIAGO PINHO RESENDE

EDITOR-BIBLIOTECÁRIO: UMA NOVA PROFISSÃO?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia

Professora Doutora Jaqueline Santos Barradas
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professor Mestre Andre Luiz Appel
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Bibliotecária Professora Lucia Maria da Cruz Fidalgo (orientadora)
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades da Informação
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro
2015

Especialmente para os entes queridos que não
estão mais conosco.

AGRADECIMENTOS

Esses quatro anos passaram-se muito rápido e fico feliz em conseguir terminar mais uma etapa da minha vida de muitas outras que vão acontecer. Mesmo parecendo rápido, nesses quatro anos que se passaram, a vida traz memórias fantásticas do que ocorreu e terríveis e tristes também. Infelizmente, temos que passar por isso tudo para poder conseguir um lugar nesse mundo.

E pelos quatro anos, muitas pessoas passaram na minha vida, trazendo alegrias e tristezas e, com certeza, todos têm um pedaço da minha linha do tempo que percorre pelo elo finito (ou infinito) da vida, tecendo nossas alegrias e tristezas. Por isso, tenho muito a agradecer à todos que me ajudaram a ser parte disso tudo. E por isso, os agradeço.

Agradecimentos especiais aos meus pais e minha irmã por serem diretamente responsáveis pelo meu crescimento e por me apoiarem nas escolhas que faço. Agradeço aos meus avós, pois eles ficavam sempre preocupados com as horas tarde que chegava da faculdade. Agradeço todos os meus parentes e entes queridos, pois fizeram sim uma grande participação nesse meu crescimento.

Agradeço meus professores — todos que passaram por mim nesses quatro anos (e os que ainda vão passar !) por que não consigo entender como seria a vida sem eles, na verdade consigo : sem os professores não seríamos bons profissionais e o mundo estaria parado.

Agradeço a minha orientadora, pois conseguimos, finalmente terminar essa grande parte que é a verificação que me formei um profissional do conhecimento, pesquisado — mesmo que ainda iniciante.

Meus amigos ! O que seríamos de nós sem nossos amigos ? Eles sempre nos ajudam na melhor ou pior das premissas. Por que sem amigos, nós também não somos nada.

E agradeço a todas as outras pessoas que eu talvez deixei de mencionar aqui (não estou deixando mais). Todos que me influenciaram positivamente, é claro, mesmo que negativamente também possa se tornar uma influência positiva, num futuro próximo. Agradeço a todos !

“É claro que está acontecendo em sua mente, Harry, mas por que isto significa que não é real?” (DUMBLEDORE, Albus Percival Wulfric Brian, 2007, p. 562).

RESUMO

O presente trabalho visa demonstrar a relevância do profissional bibliotecário no meio editorial. Ao fazer uma breve corrida pela história, apresenta a importância do material que guarda informação durante as civilizações e posteriormente apresentar separadamente o conceito aprofundado de cada profissão. Por final, o trabalho verifica por meio de pesquisa social, demonstrar a possibilidade das profissões de Biblioteconomia e Produção Editorial terem suas grades curriculares baseadas na grade da Universidade Federal do Rio de Janeiro igualadas e verifica se há profissionais bibliotecários no mercado e, se não, saber porquê, contrastando com a possibilidade de ambos os profissionais de Biblioteconomia e Produção Editorial trabalharem juntos. Por fim, verificar a premissa apresentada com conclusões de que elas têm uma grande ligação no fomento do profissional na Universidade Federal do Rio de Janeiro e que podem sim trabalhar juntas.

Palavras-chave: bibliotecários. Editores. Profissões. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

The present work tends to demonstrate how relevant is the librarian as professional in publishing business. Through history, it presents how important is the informational material during civilizations and therefore present each profession distinctly and their concepts. Eventually, this paper verifies a social search will demonstrate the possibility of both professions' school grades in the Federal University of Rio de Janeiro and then analyze whether it is found librarians working in publishers and, if not, why, verifying the presented hypothesis, as a result of understanding both careers Librarian and Publisher being able to work together based on the graduating program in Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Keywords: Libraryship. Publishing. Professions. Interdisciplinarity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Tablet de Barro.....	14
Figura 2 - A Torre de Babel.....	16
Figura 3 - Papiro Planta.....	17
Figura 4 - Papel da China.....	18
Figura 5 - Livro da Idade Média.....	20
Figura 6 - A Invenção de Gutenberg.....	21
Figura 7 - Fluxo de Atividades Editoriais.....	36
Competências do profissional da informação, suas correspondências	
Quadro 1 - no núcleo de competências exigidas pelas organizações e pela	39
editoração eletrônica.....	
Quadro 2 - Lista de Disciplinas.....	44
Quadro 3 - Comparação de Disciplinas.....	48

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
1.1	PREMISSA.....	11
1.2	JUSTIFICATIVA.....	12
1.3	OBJETIVOS.....	12
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1	O LIVRO PELO SÉCULOS.....	14
2.2	GUTENBERG E SUA GALÁXIA.....	21
2.3	APARECIMENTO DO BIBLIOTECÁRIO.....	24
2.3.1	Bibliotecário no Brasil.....	25
2.4	APARECIMENTO DO EDITOR.....	27
2.4.1	Editoração no Brasil.....	29
2.5	PRODUÇÃO EDITORIAL.....	30
2.5.1	Editar X Editor.....	31
2.5.2	O Processo de Edição.....	32
2.5.2.1	<i>Resumir e Organizar o Material a Ser Publicado.....</i>	33
2.5.2.2	<i>Providenciar Documentação Legal para I s s o</i>	33
2.5.2.3	<i>Organizando o L i v r o</i>	34
2.5.2.4	<i>Providenciar Impressão, Montagem e Distribuição nos Pontos de Venda.....</i>	34
2.5.3	Edição de Periódicos Científicos.....	35
2.6	O BIBLIOTECÁRIO COMO EDITOR.....	37
2.7	BIBLIOTECONOMIA E PRODUÇÃO EDITORIAL COMO PÓS-GRADUAÇÃO.....	40

3	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	43
3.1	CAMPO EMPÍRICO.....	43
3.2	OS DADOS.....	44
3.2.1	Graduação dos Cursos.....	44
3.3	ANÁLISE DE DADOS.....	48
3.3.1	Grade Curricular.....	49
4.	CONCLUSÃO.....	50
	REFERÊNCIAS.....	53

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho terá como objetivo apresentar, primeiramente, a importância que o conhecimento vindo do curso e do profissional de Biblioteconomia tem a agregar para os conhecimentos específicos que são estudados em Produção Editorial (uma modalidade de Comunicação Social), visando integrar e conseguir demonstrar os fatores mais igualitários entre as duas profissões com bases em seus históricos mundiais e, posteriormente, centrados no país de específico trabalho.

A ideia premissa do trabalho é tentar desenvolver a demonstração por parte dos estudos científicos da Biblioteconomia mais uma relação interdisciplinar que tal ciência apresenta: demonstrar, principalmente, que a função-editor (independentemente em qual campo esse “editor” estará) poderá ser abastecida com conhecimentos específicos da função bibliotecário, pois entende-se brevemente que ambas as profissões trabalham com informações com formas bem parecidas e são ainda responsáveis pela produção e gestão da informação. Foi pesquisado em plataformas de Pesquisa como a Scielo e o próprio Google Acadêmico e os resultados retornados foram falhos: a pesquisa feita pelos termos “Bibliotecários e Editores” alcançou apenas 6 artigos na Scielo, dos quais apenas 1 poderia ter ajudado na pesquisa, no entanto, o mesmo apresentava essa relação apenas em revistas científicas. O Google Acadêmico fora a melhor base de dados para pesquisa, no entanto, só ajudou na pesquisa quando os termos foram colocados separados e ajudou em uma melhor inclusão de fatos relacionados entre Biblioteconomia e Produção Editorial. Textos de autores mencionados nas disciplinas cursadas no curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação foram mais importantes para ajudar no melhoramento do referencial teórico do trabalho.

Ou seja, o interesse no presente trabalho começou com a convergência de um interesse pessoal que aqui explicita para o lado mais impessoal, ou para que esse interesse demonstre sua importância no curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação — como a ideia pessoal poderia auxiliar no crescimento do curso e dos profissionais Bibliotecários. Portanto, em linhas gerais testou três pontos que ele achou importantes: 1) a ligação do bibliotecário com a produção de livros durante a história; 2) a interdisciplinaridade na Biblioteconomia; e 3) a pouca pesquisa de bibliotecários sobre o tema. Esses três fatores acresceram o desejo do autor de demonstrar que a interdisciplinaridade do Bibliotecário está diretamente relacionado com a produção e criação de um livro, pois, mesmo que agora seja menos demonstrado atualmente.

Durante todo o percurso do texto abaixo serão apresentados diversos pontos importantes que contrastam com a premissa descrita abaixo para verificá-la. O texto vem apresentando, primeiramente, a história da informação propriamente dita, pois apresenta uma breve demonstração de teorias que explicitam o começo do *homo sapiens* em “guardar” informação, independentemente do material que tenha sido gravava, passando por diversas civilizações importantes para o agrupamento da história da informação, demonstrando os diferentes modos de salva-guarda da informação, até chegar na Idade Média, época em que a informação já era guardada da forma melhor trabalhada e em que as diretrizes do ser bibliotecário estavam mais sucintas.

Pontos importantes que serão abordados no decorrer do texto estão ligados à toda sua conclusão. Um dos pontos importantes demonstrados pelo texto será a demonstração do histórico importante abordado por diversos autores que é a invenção de Gutenberg, demonstrando todas as informações necessárias para contínua explicitação do que veio a ser apresentado o momento da história em que Bibliotecário e Editor transformaram-se em “funções” diferentes, pois, ao que se imagina, um apenas estaria habilitado a guarda informacional para que o *usuário* pudesse usá-la posteriormente, enquanto a outra está mais ligada à produção desse conhecimento científico visando divulgação e “compartilhamento” de tal informação juntamente com o lucro.

Portanto, assim, o presente trabalho demonstrará como ambas as profissões se formaram até o presente distintas uma da outra por pequenos detalhes que serão apresentados.

1.1 PREMISSA

A premissa do presente trabalho veio da pesquisa prévia para estudo do mesmo. Em tal pesquisa, o autor teve que “passear” pela história do livro, para, portanto, poder começar o embasamento teórico direto de que o mesmo gostaria de apresentar no trabalho. No decorrer da pesquisa, o autor se deparou com uma questão simples, mas comprovada em todas as partes de estudo da história da informação: quem, no geral, divulgava e guardava tal informação?

Mesmo que o suporte em questão não seja diretamente importante nesse trabalho (os suportes informacionais mudaram durante o tempo; começou com desenhos em paredes de pedra das caverna, para *tablets* de barro, pergaminhos de papiro, seda e outros materiais, até perceberem que couro ajudava na melhor guarda da informação e iniciaram a fazer “blocos” formando livros, posteriormente foram descobrindo o papel e agora a informação pode ser

guardada de diversas formas possíveis), pontua-se que ao analisar todos os textos científicos, o que transformou ambas as profissões está diretamente ligado ao suporte chamado livro.

Portanto, após a análise prévia pela história da informação, o presente trabalho apresenta a premissa: é possível que um editor e um bibliotecário voltem a trabalhar juntos e que ambas as profissões tenham relações interdisciplinares que ajudam nesse compartilhamento de funções.

Ressalta-se, também, que é ideia da premissa e do próprio trabalho em si não é demonstrar que há uma ressalva na necessidade de “junção” de ambas as profissões (até por que cada uma rumou-se diferentemente) para que não haja mal-entendido, mas ressaltar que elas podem trabalhar com seus conhecimentos diferenciados em um ambiente igual que uma poderá ajudar a outra, ressaltando ainda que elas tiveram sua conceitualização específica.

Em linhas gerais, a premissa pretende deferir o início da guarda, processamento e divulgação informacional, ou seja, demonstrar que, conforme era feito, as profissões devem compartilhar suas especialidades e também demonstrar se tal fator é executado nas funções dos dias de hoje, ainda analisando hipoteticamente que há sim compartilhamento de informações entre ambas.

1.2 JUSTIFICATIVA

Para entender por que a justificativa do trabalho, é interessante entender as ideias criadas pelos cursos apresentados de que a instituição que apresenta ambos os cursos em suas grades: a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Essa instituição apresenta os cursos de Biblioteconomia e Produção Editorial (que é uma parte do curso de Comunicação Social). O campo de estudos da Biblioteconomia na UFRJ engloba questões que abrangem gestão da informação e base para classificação e produção de livros, ou seja, o curso está bem dividido de forma que ele abranja diversas formas de estudos com base em documentos informativos no geral e o que ambas as profissões têm de preferencial de estudos como objeto, que são os livros.

A editoração, por ser a segunda parte do curso de Comunicação Social da Universidade, aborda também processos de uso de informação e como ela pode ser explicitada para o “usuário”, apresenta mais um estudo minucioso da técnica de estudos do livro, ou seja, apresenta uma abrangência na ideia de que o livro poderá ser, além de uma forma de estudos, mas uma forma de crescimento de mercado no país.

No entanto, qual seria a importância exata para que ambos os cursos que parecem ter estruturas completamente diferentes possam trabalhar juntos para melhor continuação de seus desenvolvimentos?

O texto demonstrará, por meio de embasamento teórico, que, observando-se pela história ambas as profissões eram apenas uma e demonstrará o porquê delas terem sido separadas de alguma forma, talvez pela história ou apenas por mero descuido de entendimento das questões abordadas nos dois quesitos quando forem entendidas pelos estudiosos das áreas para produção de sua matéria de curso.

Portanto, apresento a intenção de que, neste trabalho, apresentarei com provas na teoria e na prática, que ambas as profissões que foram tornadas “deferentes” e foram separadas, poder ter fundamento que pode direcioná-las a uma ligação de maior importância entre as duas.

1.3 OBJETIVOS

Apresento os objetivos Geral e Específico que formarão a continuação do presente trabalho, discriminados nos pontos a seguir para melhor entendimento.

Objetivo geral

O objetivo desse trabalho é para demonstrar como as profissões de Bibliotecário e Editor estão ligadas. Pretende-se que seja demonstrado em sua conclusão a verificação da premissa abordada. Portanto, objetiva-se nesse trabalho que se consiga comprovar relação especializada profissional entre a Biblioteconomia e a Produção Editorial.

Objetivos específicos

Verificar a premissa.

Demonstrar relação com a história do livro.

Comprovar relação profissional entre Biblioteconomia e Produção Editorial.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2. 1. O LIVRO PELOS SÉCULOS

Primeiramente, é perceptível que, desde os primórdios do conhecido “nascimento do ser humano” na história do mundo, entende-se que, para que houvesse o desdobramento de conhecimento, o ser humano deveria “guardar” essa informação para que fosse repassada e não se perdesse com o tempo. Entende-se, então, que os grunhidos e rugidos dos homens pré-históricos não podiam ser superados pelo que o autor McMurthie (1997) apresenta em seu texto *O livro: Impressão e Fabrico*.

Figura 1: Tablet de Barro.



Fonte:

<http://jbttextosartigosecronicas.blogspot.com.br/2006/06/escrita-um-nascimento-humilde.html>

O autor vem apresentando dois pontos importantes sobre a escrita (meio de divulgação da informação) que são imprescindíveis para conhecimento da história: a escrita ideográfica e a fonética. Tem-se como entendimento que antes de era Cristã não havia o que se chama de escrita fonética (ou seja, a escrita em que se entende como símbolos com “nomes” distintos cada e que se juntam para formar uma palavra que entende-se com algum tipo de significado), mas a escrita ideográfica, ou seja, aquela escrita em que em desenho representa um símbolo que tenha significado próprio de entendimento da civilização — pode-se exemplificar a

língua oriental que ainda faz uso de símbolos para comunicação. O autor, no entanto, também defere que havia civilizações que já conseguiam usar a escrita fonética.

Mesmo assim, na época atual, algumas línguas ainda sofrem com tal dificuldade de trazer o som fonético dos símbolos apresentados na linguagem “desenhada”. Como exemplo, percebe-se que “os chineses têm lutado com este problema durante séculos” (MCMURTHE, p.21, 1997), pois, como se demonstra, por ser uma língua literal, ou seja, por não haver letras que formam palavras, mas símbolos que significam alguma situação em especial do dia.

Percebe-se, então com o texto do autor, que um grande fator para o crescimento do livro como é visto hoje, ou a melhor cultura que explorou mais esse certo tipo de texto é a egípcia. O autor demonstrou que eles foram de grande importância primeiramente para o desenvolvimento da ligação entre a linguagem fonética e a ideográfica. Os egípcios foram se tornando cada vez mais práticos nessa junção, transformando-os em modelos alfabéticos para que fosse melhor entendido.

Em uma co-ligação entre o crescimento e desenvolvimento desse modelo de escrita, pode perceber também os babilônios, que, não apenas transformaram os símbolos e sons, mas que, diferentemente dos egípcios, transformaram em modelos silábicos.

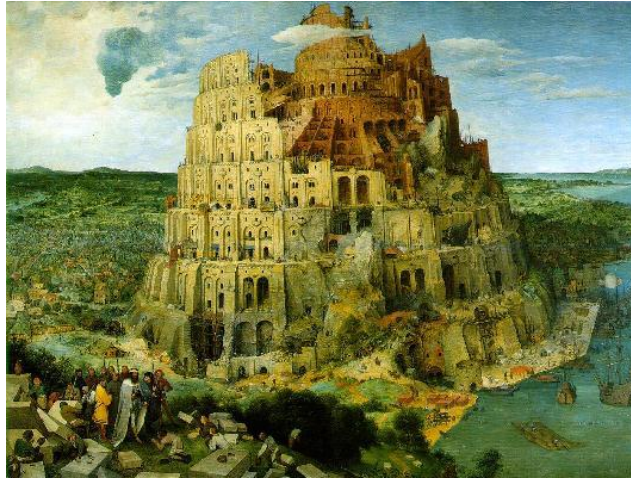
“Na mesopotâmia, os Babilômios e seus sucessores, os Assírios, desenvolveram em tempos muito antigos um sistema de símbolos fonéticos, que, em vez de tenderem a tornar-se alfabéticos, [...] tornaram silábicos. Havia assim um sinal escrito distinto para cada uma das sílabas *ba, be, bi, bo, bu, ab, eb, ib, ob, ub, e t* Há ainda sistemas semelhantes de escrita silábica em muitas das línguas indígenas da Índia, Birmânia, Sião e outros lugares.

(MCMURTHIE, Douglas, 1997, p.23)

Para continuação da questão de pesquisa da construção do livro durante os séculos de criação humana, teremos que perceber os materiais cuja tal escritura foi gravada para que sua informação fosse contida. Wilson Martins, e seu texto sobre *Materiais e Instrumentos Primitivos Empregados na Escrita*, apresenta as formas que foram usadas para o desenvolvimento da capacitação humana de gravação do conhecimento gerado pelos primórdios da civilização e que seriam encontrados há mais de dois mil anos após sua geração ainda intactos.

É importante apontar, primeiramente, demonstrar que o MCMurthie (1997) apresentou que houve um grande problema com os Egípcios (e isso dará no mais puro conhecimento de primeiro papel “legítimo” para inscrição que percebemos ser o papiro) é que tal civilização gravava suas informações em materiais deterioráveis, diferentemente de outras civilizações que usavam pedras e outros materiais mais “fortes” e que duravam um pouco mais para a produção.

Figura 2: A Torre de Babel.



Fonte: <http://www.imagick.com.br/?p=18643>

Martins apresentava dois tipos de materiais usados em dois reinos naturais para inscrição dessas informações: O Reino Mineral e o Reino Vegetal. Ele apresenta as duas formas mais usadas nos dois reinos que são de demasiada importância para o crescimento e aprofundamento dos métodos de gravação da escrita que posteriormente se tornaria o livro que será melhor trabalho durante o texto. Martins apresenta que, no Reino Mineral, o que era mais usado era a pedra, “onde o segundo Velho Testamento foi gravada a primeira lei dos *hebreus*, revelada no Monte Sinai, e os mais ‘escreviam’ seus admiráveis calendários, as reproduções dos gregos, dos seus feitos mais importantes” (MARTINS, 1957). Ele também apresentara mais outros modos de gravação da escrita como o mármore, a argila, metais, chumbo, metais nobre como ouro e prata. Ele apresenta que era muito usado a madeira do Reino Vegetal para inscrição dos registros. Tal madeira fora usada pelos Egípcios primeiramente, e ainda é usada, pois é de onde o papel se transforma. O interessante de demonstrar que o autor Martins apresenta é que a todos os materiais dos Reinos Vegetal e Mineral servem para serem descritos como forma de uso para “gravação” de informação.

“Em geral, todos os produtos do reino vegetal, como todos do reino mineral e todos do reino animal, serviam ou servem para a escrita. Folhas de palmeiras ou de oliveiras, panos, paio. Era em pedaços de pane que os romanos reproduziam oráculos, alguns contratos particulares e até leis. Na Pérsia e na China a seda foi um material muito empregado na escrita [...]”

(MARTINS, Wilson, 1957. p.1-2)

O papiro foi um material empregado pelos Egípcios e que fora de grande importância na ajuda do desenvolvimento do material livro que conhecemos nos dias de hoje, no entanto. Martins explicita em seu texto que retiramos nossas referências para a criação do livro na

empregabilidade da seda pos civilizações da China. No entanto, McMurthie demonstra defeitos no papiro que ainda faziam com que fossem empregados problemas de sua “gravação” em tal. Ele diz que “havia perigo de se furar quando se escrevia, e, para evitar isto, os traços da pena, ascendentes ou descendentes, muitas vezes quase não se distinguiam” (MCMURTHIE, 1997). Antes mesmo de conseguirmos seguir à linha direta para a criação do papel e seu uso no século I da era Cristã vindo do que se foi pesquisado no uso da seda pelos Chineses (apresentado posteriormente no texto), é importante verificar mais um objeto de uso de escrita muito usada há algum tempo atrás e que também tem sua grande importância na história do livro.

Figura 3: Papiro Planta.



Fonte:

<http://www.giardinaggio.it/appartamento/singolepiante/papiro/papiro%203.jpg>

Martins apresenta o pergaminho como outra forma de uso das antigas civilizações para guardar a escrita, os conhecimentos e as informações de tal civilização de alguma forma. “Do IV ao XVI séculos, o pergaminho foi o material mais comumente empregado na escrita; na França, do IX ao XII, é apenas pergaminho que se emprega nos livros e atos” (MARTINS, 1957), portanto, é imprescindível demonstrar que o pergaminho foi o material que gerou os livros conhecidos por serem grandes obras-de-arte feitas pelos Monges na Idade Média (Séculos V a XV) e que passam pelo final da história do que se chama A Criação do Papel

para que seja continuada na criação da edição dos livros demonstrados com a prensa de Gutenberg.

Figura 4: Papel da China.



Fonte: <http://gestordocio.blogspot.com.br/2011/08/10-invencoes-da-china-antiga.html>

Voltando-se a ideia da criação do papel ser, pelo que os autores apresentam, feita no China, mesmo que os mesmos demonstram que há uma imprecisão na real criação do que se sabe como ser o papel, entende-se que tal papel começou mesmo a ser feita na China com a produção dos chineses do papel de seda (“dobrava-se e rasgava-se a seda em tiras e pedaços miúdos, logo postos de molho numa cuba cheia de água. O tecido apodrecia e fermentava, as fibras pouco a pouco se desintegravam e formavam uma pasta que, posta a secar, se transformava em papel” (MARTINS, 1957), como fora descrito pelo autor). No entanto, destaca-se como o próprio Martins (1957) apresenta é que foram necessários mais de mil anos para que tal técnica chegasse no mundo Ocidental, onde se encontra a Europa e o lugar em que o livro propriamente dito seria melhor fabricado.

Como explicitado, é no começo da Idade Média que o livro é apresentado na Europa. Martins (1957) data a chegada na Espanha em 1144, vindo do Oriente e se prendendo das fábricas do país. Posteriormente, ele é visto na Itália, em 1276, em moinhos de papel, que fragmentavam a matéria-prima – formados por pedaços de pano, algodão, e fibras diversas – que, por sua vez tornavam-se folhas de papel depois de secas. Nessa mesma época, foram se automatizando essas técnicas para criação do papel mais automatizado por máquinas que secavam e separavam o papel feito nessas “prensas” de maneira menos manual. Martins

demonstra que houve ainda mais fatores que iriam ajudar na diminuição da exportação do ainda papiro feito pela civilização Egípcia e a criação do próprio papel em países como Espanha, Itália, França, Inglaterra e assim correndo para todas as outras regiões por toda a Europa.

“A expansão do islamismo reduziu as exportações egípcias do papiro, substituído pelo pergaminho, na corte meroviniana, entre 659 e 679, desaparecendo praticamente depois de 716. Outra consequência profunda, acrescenta ele, foi a crescente importância das línguas vernaculares, assim alargando o hiato entre as tradições oral e escrita, na medida mesmo que a Igreja e os mosteiros privilegiavam o latim. A primeira etapa da introdução do papel na Europa é marcada pelo ano de 751, quando diversos prisioneiros chineses, trazidos para Samarcanda, cidade da Ásia Central, nela introduziram a indústria do papel.”

(MARTINS, 1957. p.11)

O papel se tornava a ser feito manual até o final do século XVIII. Os moinhos de papel eram oficinas que eram usadas de forma primitiva por todos os países da Europa. Destaca-se também que o papel chegou posteriormente na Europa (aproximadamente no início dos anos 1000 d.C.), o que se demonstra que foram estabilizados pelo que designa pelo começo da Idade Média (Século X), o teremos que destacar que fora uma época demonstrada pelos historiadores que não houve crescimento de civilização, e nada foi completamente interessante. No entanto, alguns outros autores demonstram que houve sim algum desenvolvimento de população e crescimento de alguma forma positivo, porém, pequeno. Humberto Eco em seu livro *Idade Média: Bárbaros, Cristãos e Muçulmanos* define a Idade Média como uma idade em que “A população [...] era ceifada de doenças endêmicas [...] e por tremendas epidemias como peste. [...] Pouca gente a cultivar pouca terra e pouca terra e alimentar pouca gente” (ECO, 2012). O interessante a perceber que era uma época em que os Reis tinham alto poderio sobre os subalternos e desafortunados que tinham esse poderio todo sob eles. Mas também é importante demarcar que os verdadeiros “reis” da época era a Igreja, que tinha forças a mais que os Reis e que enfrentavam o sofrimento da massa população pobre com mais sofrimento.

Chegamos ao ápice da Idade Média, onde a prensa era ainda manual e feita de forma muito básica. No entanto, chegamos à época da Renascença. Essa época é simplesmente marcada pelo que iremos expressar da difusão da tipografia com a invenção da prensa de Gutenberg, que mudará o rumo da história do livro do mundo. É importante entender, primeiramente, que se é estudado essa época que é definitivamente europeia, pois a prensa de Gutenberg é um marco mundial para a disseminação do livro e melhora dessa disseminação

por todo o mundo. Tal marco também é um *link* para o entendimento de como foi feita a editoração posterior à isso.

Figura 5: Livro da Idade Média.



Fonte: <http://historia-interactiva.blogspot.com.br/2007/03/o-livro-na-idade-mdia.html>

Voltando à Idade Média, devemos relacionar com o conhecimento apresentado que os livros eram guardados e apenas alguns eram usados até mesmo pelos Monges (que tinham o papel de serem os bibliotecários e editores desses livros) e feitos ainda de forma manual. Steven Roger Fischer, em seu livro *a História da Leitura*, apresentou de forma simples a história do livro na Idade Média e um parágrafo foi de grande destaque para melhor explicação de como era feita a guarda da informação dos livros manuscritos pelos monges:

“[...]Alguns [bíblia]s eram tão grandes que os pedestais precisavam ser ajustados em rolos. O objeto era a leitura pública em voz alta, sobretudo para os coros, incluindo-se o maior número de leitores possível a celebração da missa. (Esse costume de exibir livros enormes com letras grandes para celebração dos coros é mantida na Igreja Católica até hoje) Por meio dele, o leitor é absorvido da *persona* pública, em que o ato da leitura se torna um ritual em grupo.”

(FISCHER, 2006, s. p.)

Por fim, para melhor entendimento e contínuo na próxima parte, chegamos ao processo de fabricação do livro diferenciado ao processo feito na Idade Média pelos monges. Chegamos à criação da tipografia, que mudará o conceito de criação do livro em todo o mundo. Para finalizar, explicita-se uma frase de Martins (1957) que apresenta em seu texto sobre a criação do livro: “A tipografia representa menos uma invenção do que uma aperfeiçoamento da arte de imprimir, mas é apenas com Gutenberg que ela adquire sua realidade técnica” (MARTINS, 1957).

2.2 GUTENBERG E SUA GALÁXIA

Após, então, todo o desenvolvimento dos livros, desde os pergaminhos feitos de papiro pelos egípcios que demonstravam um novo modo de guarda de informação (mas que foram antes demonstrados pela tentativa do *Homo Sapiens* de conseguir “gravar” a sua história com, também os desenhos nas paredes de cavernas, blocos de barro chamados de *tablet* que serviam também para a inscrição do conhecimento que seria passado pelas gerações), até a implantação das folhas de papel vindo de invenção no Oriente, com o aparecimento de um tipo de papel mais fácil de ser guardado em grande quantidade e feito pela folha seda, que se tornará o papel usado nos grandes livros na Idade Média.

Figura 6: A Invenção de Gutenberg.



Fonte: <http://digitalblue.blogs.sapo.pt/361957.html>

Ao mesmo tempo que toda a produção do livro ia mudando e o tempo ajudando para que a guarda de informação fosse ainda mais fácil, duas profissões também estavam se incorporando e também aparecendo lentamente. Primeiramente, ambas eram apenas uma questão de afazeres nas grandes civilizações antigas, ou seja, elas eram apenas um conjunto de técnicas e desenvolvimentos feitos por uma pessoa em específico que ficava responsável pela guarda e divulgação da informação nas grandes bibliotecas demonstradas por todos os séculos.

Houve, então, uma mudança no cenário da população de Idade Média (um dos principais pontos que gerou, na história atual, a saída da chamada Idade Média), que foi a introdução de um personagem que, como inventor, trouxe na Alemanha um novo modo de divulgação da informação monopolizada ainda pela Igreja e se apresentou como um personagem salvador da informação que estava dada como perdida, desenvolvendo também a mudança prescindível para a evolução e revolução da cultura europeia.

Pode-se, primeiramente, observar que, com o aparecimento da primeira máquina de impressão feita pela criação da primeira máquina de prensa de Gutenberg (ao qual falaremos um pouco mais nos próximos parágrafos). Tais pontos são também importantes para o entendimento na mudança de vida após a criação da máquina de prensa, portanto, entende-se que com tal aparecimento, a população da época começou a ter um crescimento maior de informação, a língua, que antigamente era apenas usada por pouca parte da população, agora era mais importante de ser aprendida por todo o restante, para que eles consigam ser explorados melhor para eles. Ou seja, em linhas gerais, a invenção de Gutenberg foi um marco para toda a Europa “acabar” com a Idade Média (ainda cujos estudos explicam que ela não fora inteiramente uma idade completamente sem nenhum crescimento), mas que explicitava uma nova mudança drástica em toda a época.

Mesmo alguns autores demonstrando que a invenção de Gutenberg fora apenas um passo à frente para o crescimento do livro impresso como se vê hoje, textos de alguns autores demonstram que essa criação foi um longo passo para o processo de edição e a melhor exploração de um editor que se encontra agora. A criação da prensa possibilitou melhor aprofundamento na pesquisa da função o editor, pois era mais importante agora entender as fases da produção que agora poderia ser chamada “em massa” (pois havia mais publicações de um mesmo livro com a possibilidade de criação a prensa de caracteres moveis de Gutenberg) de um mesmo livro, com a possibilidade de acesso da população com muito mais facilidade, a procura dessa população ao “estudo” para entendimento daquela língua escrita naquele livro, a tradução dos livros que anteriormente eram todos em latim para a língua do país e assim viria a disseminação da informação. Bragança apresenta também em seu texto a possibilidade no desenvolvimento da escrita mecânica como forma, além de disseminação de informação, mas também um modo de “editar e vender, para obter lucros e, ao mesmo tempo, realizar o seu eros pedagógico, educar e transformar, voltado para um público anônimo e disperso” (BRAGANÇA, 2002), o que transformaria nas primeiras definições do que é o “Fazer-Editor”.

No entanto, o que tal capítulo representará devidamente é tentar apresentar um pouco quem realmente era Gutenberg e como foi seu aparecimento rápido para que ele se tornasse tal ponto de demasiada importância para ambos os Editores e Bibliotecários que trabalham inteira e diretamente com os livros, pois, sendo assim tais demonstrações poderão esclarecer um pouco mais o crescimento, aparecimento e desassociação entre ambos os estudiosos de diferentes estudos (destacando-se que ambos os estudos se tornam apenas diferenciados assim que apresentados nos cursos das Universidades Brasileiras).

Portanto, para melhor explicitação, as pesquisas demonstram que não se sabe exatamente de onde veio Gutenberg, cujo nome completo é Johann Gensfleisch Zum Gutenberg. Sabe-se apenas que ele nasceu dentro de uma família aristocrática de pessoas que eram especialistas em fabricação de objetos de metais na Alemanha. O *website* do *Harry Ransom Center*, da Universidade do Texas no Austin, apresenta um resumo de suas exposições e uma delas é o *Gutenberg Project* (Projeto Gutenberg) e explica um pouco sobre a vida de Gutenberg.

Tal *website* apresenta que conseguiu juntar fundos um um parceiro chamado Johann Fust e que esses fundos ajudaram “no desenvolvimento e produção da Bíblia de Gutenberg” (HARRY RANSOM CENTER, 2015), no entanto, demonstra-se que o Gutenberg não conseguiu o que queria e teve que, além de devolver toda a quantia restante, teve que entregar suas máquinas — as únicas usadas — para o Fust.

Há mais um ponto a ser expresso na história de Gutenberg que é apresentar também que ele fora um marco importante para estudos mais aprofundados da Tipografia pelo mundo, Ou seja, a invenção de Gutenberg ajudou aos estudos da tipografia que agora se torna mais complexa a medida que a necessidade da população venha se expressando a cada momento distinto.

Para finalizar o estudo da vida de Gutenberg, um artigo do *website* Tipografia de Paulo Heitlinger (2007) apresenta um pouco mais sobre a história de Gutenberg e demonstra um pouco mais sobre a história desconhecida de Gutenberg.

“Acredita-se que, devido à sua habilidade técnica e comercial, tenha tido uma formação profissional à altura da sua classe social, numa escola monástica ou numa universidade. Entra em cena no ano de 1434, na cidade de Estrasburgo, Alsácia, que na época fazia parte do Reino Alemão, e se situava na região diretamente vizinha a Mainz.

Gutenberg provavelmente trabalhou em Estrasburgo como ourives. Já quase com 40 anos de idade, ele funda, com parceiros, uma empresa para confeccionar espelhos para peregrinos a caminho de Aachen. No processo de fabricação já se adivinha a futura fundição de caracteres de metal.”

HEITLINGER, Paulo (2007)

Para finalizar, nota-se que o processo de aparecimento da prensa metálica feita por Gutenberg fora de apresentação de um homem que conseguia usar fontes tipográficas feitas de metal (pois ele já tinha certa noção devida à sua criação), a necessidade de juntar lucros de “financiadores” que poderiam ajudá-lo na fabricação de tal mecanismo para publicação da primeira Bíblia do inventor. Muitas tentativas de crescimento de tal invenção por Gutenberg não deram certo e o próprio Gutenberg sofreu com a falta de dinheiro para melhoria de sua pesquisa, no entanto, todas as ideias foram símbolos para a continuação da publicação em massa que ocorreria posteriormente.

2.3 SURGIMENTO DO BIBLIOTECÁRIO

Não há um ponto central no aparecimento de um bibliotecário com seus propósitos intrínsecos, ou seja, não há um ponto específico para o qual um bibliotecário nasceu. Pode-se destacar que o surgimento dos bibliotecários foram com as primeiras bibliotecas do mundo, mas quando surgiram as primeiras bibliotecas do mundo?

Pode-se destacar algumas mais conhecidas como a enorme biblioteca de Alexandria datada de anos antes de Cristo feita pelos gregos, mas que se perdeu com o tempo. Há também algumas bibliotecas conhecidas o Egito Antigo que eram guardadas de milhões de pergaminhos que ainda podem ser encontrados em grande museus da nossa civilização guardadas por todo o mundo. Portanto, pode-se entender que um bibliotecário nasceu junto com as bibliotecas das civilizações antigas.

No entanto, para contextualizar melhor, entende-se que os estudos de Biblioteconomia começaram quando se entendeu a necessidade da população de classificar a informação que crescia bem mais rápido com o tempo e a necessidade. O primeiro marco aos estudos foi um manual feito por Gabriel Naudé (1600-1653) chamado *v i o s r e s s e r u e o t* (1627) que, segundo Jéssica Câmara Siqueira (2010)¹ foi um manual “que formalizou as bases conceituais da Biblioteconomia, fornecendo importantes conceitos, como a ideia de ordem bibliográfica”.

A mesma autora apresentou que a primeira biblioteca pública se consolidou após a revolução francesa (1789-1799) “que lançou as bases para os objetivos essenciais dessa

¹ SIQUEIRA, Jessica Câmara. Perspectivas em Ciência da Informação, v.15, n.3, p.52-66, set./dez 2010

instituição: satisfazer as necessidades da sociedade nos âmbitos da educação e cultura” (SIQUEIRA, 2010).

Para adicionar a continuação do processo de criação da Biblioteconomia, autores do *webblog Bibliotecários sem Fronteiras* fizeram um resumo apresentando o início da biblioteconomia no mundo.

A primeira escola de biblioteconomia (library school) foi estabelecida por Melvin Dewey, criador do sistema decimal Dewey em 1887 (as datas são muito confusas, porque Dewey foi trabalhar como bibliotecário lá em 1883, então todo o período entre 1883 e 1887 é creditado por diferentes fontes como um dos anos em que foi instituída a escola) na Columbia University, chamada Columbia School of Library Economy.

Bibliotecários sem Fronteiras, 2009.

Pode-se adicionar ao estudo da criação da Biblioteconomia como diversos fatores mundiais que ajudaram para a necessidade do crescimento dos estudos para o melhoramento do crescimento da profissão de bibliotecário no mundo. Alguns textos demonstram que em 1886, na Alemanha, havia algo como um teste para que as pessoas trabalhassem nas bibliotecas universitárias. Diz-se que a primeira escola de Biblioteconomia fora na Europa, na Universitat de Barcelona, fundada em 1915.

O texto representativo no *webblog Bibliotecários sem Fronteiras* também apresentou que “na França, somente após a criação da École Nationale Supérieure des Bibliothécaires em 1963 é que a biblioteconomia se tornou um objeto de ensino distinto” (2009). Para finalizar, é imprescindível descrever que a escola de biblioteconomia crescendo na Europa também foi para o Oriente.

“A primeira escola de biblioteconomia na China foi fundada em 1920. Gana foi o primeiro país africano a iniciar algum tipo de educação bibliotecária, em 1944, mas a primeira escola formal foi criada em Ibadan, Nigéria, em 1959. A School of Library and Information Science da Keio Univeristy foi criada em 1951 como a primeira escola de Biblioteconomia em nível universitário do Japão.”

Bibliotecários sem Fronteiras, 2009

Portanto, após os estudos internacionais da Biblioteconomia, agora, a próxima parte demonstra como a Biblioteconomia se desenvolveu, quando chegou ao Brasil com uma espécie de grupo de estudos desenvolvidos pela Biblioteca Nacional para poder especializar pessoal para trabalhar em tal.

2.3.1. Bibliotecário no Brasil

Data-se do começo da Biblioteconomia no Brasil juntamente com o início das bibliotecas no país, em 1814, que é aberta à população, como a autora Mariza Russo em seu livro *Fundamentos da Biblioteconomia e Ciência da Informação*. A “criação” da

Biblioteconomia no Brasil foi feita diretamente pela Biblioteca Nacional, com o desenvolvimento de alguns cursos que tinham visão o desenvolvimento de profissionais que pudessem ajudar na catalogação dos livros da biblioteca².

No final do século XIX, mais bibliotecas vão se formando no país, como a Biblioteca do Colégio Mackenzie, em 1886, e da Escola Politécnica, em 1894. A história da Biblioteconomia torna-se distinta entre os estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Pois, como Russo (2010) exprime em seu livro, no Rio de Janeiro essa história torna-se atrelada à Biblioteca Nacional, em São Paulo ela se atrela às duas escolas apontadas acima, tendo seu foco distinto para partes diferentes que formaram o bibliotecário. Ou seja, é importante entender que o foco no estudo do profissional da mesma área formada em visões distintas.

Em 1911 foi criado o Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) que considerou a Biblioteconomia como área do conhecimento. Na década de 1930, a Biblioteconomia se soma às ideias vinda da École Nationale des Chartes, escola francesa que tem grande peso no curso de Biblioteconomia pelo mundo. No entanto, voltando ao crescimento da Biblioteconomia no Brasil, percebe-se primeiramente que, depois que se foi formada com os cursos pequenos para profissionalização na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, eles foram, então formados posteriormente continuando à Universidade do Rio de Janeiro (UniRio).

Por fim, na década de 1940, a biblioteconomia se fundou em outras universidades e assim foi crescendo o curso para outras instituições de ensino do país.

“A década de 1940 e constitui em um cenário de desenvolvimento das modernas técnicas de biblioteconômicas, no Brasil. Contribuíram para esse fato: a) atuação do Departamento Administrativo de Serviço Público (Dasp), com a abertura concursos especializados, os quais criaram novos postos de trabalho na área; b) reforma da Biblioteca Nacional, que ocorreu para elevação do nível de conhecimento dos futuros profissionais; c) oportunidade de aperfeiçoamento de técnicos brasileiros nas universidades americanas e; d) a criação de um serviço nacional de catalogação cooperativa [...]”

(RUSSO, Mariza apud Portal do Conselho (2009), 2010, p.60)

Para finalizar, é possível entender que o crescimento da área biblioteconômica, comparando-se ao crescimento editorial no Brasil, foi bem mais avançado. No entanto, comparando-se o crescimento da profissão de Biblioteconomia no mundo não foi tão avançada como deveria, pois seu crescimento foi ainda tardio no país e apenas depois foram atualizadas com as técnicas demonstradas na Europa e que já estavam bastante avançadas. Isso torna na demonstração das técnicas apresentadas por ambas as profissões do país não

² Percebe-se, primeiramente, que a biblioteconomia foi criada antes mesmo da editoração no país, com os livros publicados por pequenos bureaus que tinham seus serviços parecidos com a publicação de livros inventados por Gutenberg, enquanto a maior produção era de jornais e revistas da época.

estão ainda em suas formas avançadas como o restante do mundo e, além disso, ainda não estão bem exploradas para seus crescimentos e coligações entre profissões.

2.4. SURGIMENTO DO EDITOR

O ponto base da editoração é exatamente quando o Johann Gensfleisch, ou Gutenberg, “inventa” a “escrita mecânica”, a partir da tipografia por caracteres móveis de metal, feito na Alemanha. Basearemos, de forma, em dois textos, apresentando a História da Editoração geral (como se cria um editor) para a história no Brasil; como foi trazido a profissão “editor” no Brasil.

Tornamos como ponto inicial a importância da disseminação da informação que antes estava presa nas abadias criadas pelos monges que “prendiam” qualquer informação que eles deduziam como “irrelevante” ou até mesmo “pecatória” para o restante da população – que ainda era analfabeta por não ter uma base de leitura, já que todo o conhecimento era preso pelo alto padrão burguês dos reis e dos papas –, transformando esse marco de um modo de fabricação e certamente cópias dos livros melhor para grande disseminação dessa informação, mudando o ideal da sociedade. Aníbal Bragança exprime em seu texto *Por que foi, mesmo, revolucionária a invenção da tipografia? O editor-impressor e a construção do mundo moderno* também que “a escrita alfabética tornou-se acessível às pessoas comuns, rompendo assim com os rígidos círculos que encerravam o desenvolvimento, a circulação, e o uso da escrita a uma pequena parcela da sociedade [...]” (BRAGANÇA, 2002), para demonstrar que com essa melhor disseminação da informação contida nos livros manuscritos guardados pelos monges foi de grande importância para o póstumo desenvolvimento da sociedade da época.

Mesmo alguns autores demonstrando que a invenção de Gutenberg fora apenas um passo à frente para o crescimento do livro impresso como se vê hoje, textos de alguns autores demonstram que essa criação foi um longo passo para o processo de edição e a melhor exploração de um editor que se encontra agora. A criação da prensa possibilitou melhor aprofundamento na pesquisa da função o editor, pois era mais importante agora entender as fases da produção que agora poderia ser chamada “em massa” (pois havia mais publicações de um mesmo livro com a possibilidade de criação a prensa de caracteres moveis de Gutenberg) de um mesmo livro, com a possibilidade de acesso da população com muito mais facilidade, a procura dessa população ao “estudo” para entendimento daquela língua escrita naquele livro, a tradução dos livros que anteriormente eram todos em latim para a língua do país e assim viria a disseminação da informação. Bragança apresenta também em seu texto a

possibilidade no desenvolvimento da escrita mecânica como forma, além de disseminação de informação, mas também um modo de “editar e vender, para obter lucros e, ao mesmo tempo, realizar o seu eros pedagógico, educar e transformar, voltado para um público anônimo e disperso” (BRAGANÇA, 2002), o que transformaria nas primeiras definições do que é o “Fazer-Editor”.

Foi nesse “switch” de afazeres que foram se formando os serviços de um verdadeiro editor, pois a criação de um livro – agora em massa – não era mais feito de maneira manual e única por apenas uma escrivão que fazia essa edição de forma além de manual, também artística, mas houve a necessidade da divisão de afazeres para a publicação desses livros. Ou seja, com a publicação em massa, havia a necessidade de que fossem criadas partes desse processo de fabricação, transformando o processo mais mecânico possível, continuando-se ao que posteriormente entrar-se-á na conhecida Revolução Industrial. Por todo esse processo, houve a primeira criação do conhecido “editor” de livro.

Nesse processo, surge a função editor, que diferia, na sua natureza, dos trabalhos e procedimentos dos chamados “editores de manuscritos” desenvolvidos na Antiguidade Ocidental, em Roma e, em muito menor escala, em Atenas, pois que reprodução manuscrita, visava basicamente copiar, fielmente ou não, o texto original. Não havia no *volume* assim produzido o acréscimo do trabalho criativo do editor, como nos livros impressos.

(BRAGANÇA, Aníbal, 2002. s. p.)

Para básica explicação do que se tratava após a questão da invenção de Gutenberg, agora é percebido que o autor agora vai até o editor com seu texto produzido, entrega esse texto e fica a critério do editor de fazer toda a edição desse texto, produção de certo número de cópias e procura desses textos para a população local e venda de tal livro. Com esse surgimento, a produção editorial e o destino do livro como peça de lucro foi se expandindo. Bragança (2002) data que no fim do século XV e no início do XVI foram formados editores que eram de uma forma especializados em textos da chamada cultura pagã. Ele apresenta que foi melhor ajudado na disseminação dessa informação dos livros foi quando Lutero traduziu a bíblia para o alemão (primeira demonstração de tradução da bíblia que era apenas feita no latim).

“Esse trabalho de editores-impressores permitiu recuperar e colocar em circulação inúmeras obras de filósofos, dramaturgos, poetas, narradores, cronistas, pensadores e cientistas, cujos textos estabelecidos, editados, impressos e colocados no mercado livreiro foram definitivamente incorporados ao patrimônio literário da humanidade e ajudaram a formar o mundo moderno.”

(BRAGANÇA, Aníbal, 2002. s. p.)

Portanto, é de rápido entendimento que foi imprescindível esse avanço na publicação de livros para melhoramento dos negócios de publicação desses livros. Portanto, é importante apresentar que, por conta disso, foram criados grandes negócios editoriais com representantes em diversas cidades da Europa. No século XV já eram criados na Europa livreiros que ganhavam por comissão, foram criadas feiras para disseminação dessa literatura em toda a Europa e assim a criação de um mercado de livros maior e maior, crescendo por todo o mundo e sendo melhores desenvolvidos para o que hoje se torna o mercado editorial no mundo e a apresentação do editor e de seu “trabalho” nesse número, complexo e imenso mercado mundial.

Bragança explicita que “ o desenvolvimento do capitalismo europeu vai provocando mudanças na estrutura e nas mentalidades dos agentes do setor [...] livreiros se tornam editores-livreiros, aumentando o já acirrado espírito mercantil e a competição” (BRAGANÇA, 2002). O que mais se aplicava eram livros de romances medievais de cavalaria, e muitos outros livros pagãos, com isso, a Igreja teve que, então se impor sob o crescimento “desgovernado” dessas publicações criando legislações para diminuir essa produção e assim foram criando os direitos autorais e assim proibição de alguns livros. Por fim, esse crescimento não conseguiu ficar contido por seguir juntamente com o capitalismo e foi crescendo e se abrangendo para fora da Europa para todos os outros países, chegando também ao Brasil.

2.4.1 Editoração no Brasil

Em *A Editoração no Brasil: Aspectos Gerais*, os autores vão explicitar que o início da editoração no Brasil foi tardio. Eles apresentam que por todo o século XIX até o XX a imprensa no Brasil fora voltado apenas para impressão de jornais e revistas com “Pouquíssimos livros nacionais editados, e assistemática a sua produção” (DUMONT, et. al, 1979). Diferentemente da produção em massa no restante do mundo, o crescimento de editoras no Brasil começou apenas em 1960. E, de qualquer maneira, o Brasil, como muitos países da América do Sul, ainda sofre com dificuldades da economia e da sociedade que é gerado mais para setores como os livros e periódicos.

O livro brasileiro também tem sua completa diferença no quesito de publicação se for se comparar com as editoras de outros países. Agora, existe um crescimento maior em editoras que publicam livros por demanda, ou seja, livros que são impressos apenas em quantidades da necessidade editorial. Mas esse novo método é recente, pois o que se vigorou

há muito tempo no país foi a procura de autores pelas “grandes editoras” que avaliavam os textos para poderem publicar ou não. Assim que os livros eram aprovados, os autores faziam um contrato de venda cujos direitos autores (amplamente pequenos para os autores) eram acordados e a quantidade, a edição e a publicação de vendas eram todas feitas pelas editoras do Brasil.

Os autores do livro *A Editoração no Brasil* demonstram que “o mercado consumidor é instável” (DUMONT, et. al, 1979), pois, mesmo que agora o mercado editorial brasileiro esteja aumentando, muitos “temas” de livros ainda se tornam esquecidos presos por outros temas que são mais importantes. Já, com a reforma de 1971, que modifica a estrutura do vestibular do país, houve uma crescimento maior nas publicações didáticas do país. Percebe-se pelo texto que no grande âmbito da década de 1970, ainda havia um grande *gap* de publicações no mercado editorial do país.

[...]O livro traduzido representa um luxo, muitas vezes pouco acessível. Tanto assim nas universidades criou-se a “Bolsa do Livro”. Aí são colocados à venda livros já usados por preço muito elevado pela metade do preço. Isso por que 90% dos livros adotados no curso superior são estrangeiros e até mesmo 60% são importados por não terem tradução para o Português.

(DUMONT; CARVALHO; AUN; SAKAI, 1979, p.161)

Demonstra-se, então, que nessa época era completamente difícil o acesso da informação por conta dos editores brasileiros que ainda não poderem trazer os livros diretamente traduzidos para a população que realmente necessitaria de informação mais fácil de ser recebida (um ponto a ser analisado é que ainda existe uma grande quantidade de livros-base em alguns cursos, como o em Biblioteconomia em questão, que ainda não são traduzidos para a língua vernácula do país, o que continua com esse ponto fraco nas editora de livros para os cursos das universidades do país – um exemplo é a CDD que ainda é apenas encontrada em sua língua original, o Inglês).

Portanto, o mercado editorial brasileiro ainda é fraco em comparação com o mercado editorial do restante do mundo. Seu crescimento no Brasil foi tardio ele ainda está em constantes mudanças com todos os pontos que ainda se demonstram fracos para apresentação e para seu crescimento.

2.5. PRODUÇÃO EDITORIAL

Demonstrar-se-á uma breve explicação de todo o processo de produção editorial geral. Ou seja, apresentar-se-a todo o processo de editoração de uma material informativo (livro, periódico, e outros), pois demonstrará a base de um processo editorial geral.

Portanto, para melhor explicitação dos pontos importantes no Processo Editorial de um material de informação e para ser publicado, presente trabalho terá como base o artigo *Como se Faz a Editoração de um Livro?* de José Pereira da Silva, que apresenta um passo-a-passo geral e teórico para demonstrar todo o processo em exatidão.

Tal processo será importante para demonstração da importância que um bibliotecário poderá ou não ter em uma Editora, como é a ideia desse trabalho. Ao apresentar todos os passos do processo de editoração de um documento informativo, o presente trabalho visa apresentar, com sua metodologia de pesquisa, o que os conceitos básicos ensinados na grade curricular do curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidade de Informação da UFRJ poderá se igualar (ou não) com a grade do curso de Produção Editorial da mesma universidade a ser pesquisada.

2.5.1. Editar X Editor

Neste capítulo demonstraremos como ambas ação e substantivo estão diretamente relacionadas e uma está subordinada à outra. O processo de editar, por se assim dizer, é a grande parte da fabricação de um material informativo e está diretamente relacionada a todo o processo de publicação — desde a entrada do material previamente autorizada pelo editor (ou pares, em uma publicação científica) até sua diagramação e pós-publicação. Já o editor, além de ser um de diversos profissionais que dividem o processo de publicação, também é o responsável por toda a publicação de um livro juntamente com o autor.

O autor de tal artigo cita melhor a explicação do que é EDITAR; ele apresenta ideias de outros autores que explicitam uma breve explicação sobre tal conceito definindo que editar é “conceber, planejar e preparar o conteúdo de um livro, em cooperação com o autor” (SILVA Apud FARIA; PERICÃO, 2008). Ou seja, mesmo que posteriormente se apresente melhor explicitado todo o processo editorial, é importante deferir que para que seja editado um livro, todos os pontos explicitados acima devem ser contidos.

O autor também, em suas palavras, consegue definir um ponto muito importante sobre a edição de um livro. Ele designa que “editar é publicar ou tornar público um livro ou alguma outra coisa” (SILVA 20-), o que pode-se entender em contexto geral (expressando qualquer mídia que deverá ser publicada, ou seja, apresentará de uma forma normativa algum tipo de informação) que editar se torna o processo de trazer ao público qualquer objeto que contenha algum tipo de informação em manuscrito (designado tal como a obra em primeira pessoa, crua, que ainda não sofreu nenhum processo para ser publicado — ou, como se diz, tornado

público) que passará por um processo X que tornará mais acessível há um público específico para tal informação ou ao público geral, que tenha necessidade de ter acesso àquela informação.

Agora, o que seria um Editor?

Ele também faz parte de todo processo de edição. Na verdade, um editor é o responsável por todo o processo; desde seu início no recebimento do manuscrito pelo autor da obra informativa até o momento que tal obra já passou por todas as fases para que fique tecnicamente pronto para ser acessado para seu público.

Silva em seu texto consegue explicitar que o editor é “pessoa física ou moral, singular ou coletiva, que assume a iniciativa e a responsabilidade pela produção, divulgação e difusão de uma publicação ou documento” (SILVA Apud FARIA; PERICÃO, 2008). Portanto, o autor estar responsável pela produção, divulgação e difusão do documento que será gerado. O autor do texto também define que há varias atribuições e especializações para o editor.

Há várias especialidades dentro da atribuição do editor. Por isto, pode-se identificar como especializações da profissão: o editor científico, o editor comercial, o editor crítico, o editor cultural, o editor de arte, o editor eletrônico, o editor escolar, o editor financeiro etc., que têm funções tecnicamente diferenciadas nas editoras ou editam textos de determinada especialidade.

(SILVA, [2000?], s. p.)

O autor, então define que o editor pode estar especializado no processo de edição de um livro como também pode estar especializado em qualquer processo de edição. Portanto, ao perceber que tal trabalho define expressar a valorização entre os profissionais bibliotecário e editor no processo de edição/publicação de alguma obra informativa, entende-se então que há a necessidade que seja haja um editor para que o processo “editorial” ocorre em efetivo.

2.5.2 O Processo de Edição

Os capítulos seguintes do texto de Silva apresentam uma explicação rápida sobre os passos para se fazer a edição de um livro de forma simples e rápida para completo entendimento. Ele explicita tal processo em quatro passos deferidos como:

“1- reunir e organizar o material a ser publicado (digitando, fotografando ou de outro modo); 2- providenciar a documentação legal para isto (ISBN, ISSN ou outra) e catalogação; 3- organizado (ou diagramado) o livro, providenciar pelo menos três boas revisões; 4- por fim, providenciar a impressão, montagem e distribuição nos pontos de venda, com uma boa divulgação da obra”.

(SILVA, [2000?], s. p.)

Portanto, para melhor explicitação, os passos descritos acima serão melhor explicados nas linhas gerais abaixo para que haja entendimento simples e claro de como o autor discrimina para melhor aplicação. Os passos serão brevemente explicitados apenas para que se entenda o que se defere cada passo.

2.5.2.1 *Reunir e Organizar o Material ser Publicado*

Primeiramente, entende-se que antigamente os textos (observando-se por forma de um livro) eram escritos a mão com diversas páginas, entregues aos editores que datilografavam todo o texto para depois começar todo o processamento de produção editorial de um livro. Agora, um autor já consegue entregar o manuscrito de forma mais eletrônica, já editado da forma que o mesmo queira que seu livro fique e o editor, após a análise do livro, apenas começa a “montar” o mesmo de forma que fique com um desenho mais específico e passível de publicação.

2.5.2.2 *Providenciar Documentação Legal para Isso*

Um autor tem total controle sobre sua obra a partir do momento que ele escreve. No entanto, por esse motivo é importante que se pesquise e produza as condições legais para que o editor (a editora como pessoa jurídica) possa reproduzir da forma que queira tal material informacional que o autor produziu em seu manuscrito.

No caso de uma publicação seriada (revista, jornal etc.), é necessário providenciar sua indexação logo após a edição do primeiro número, que permanecerá o mesmo para todos os números do mesmo periódico, em cada um de seus suportes. Ou seja: o ISSN (International Standard Serial Number, que é um número internacional de identificação de publicação seriada) de um periódico que sai em suporte impresso é diferente do ISSN da versão que sai suporte eletrônico. No Brasil, isto é feito através do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, em Brasília.

(SILVA, [2000?], s. p.)

No caso de um livro publicado com certa quantidade de exemplares que será enviado para diversas editores em um país — ou no mundo —, é importante que se providencie o *International Stantart Book Number* (ISBN) que é um “sistema que identifica numericamente os livros segundo o título, o autor, o país e a editora, individualizando-os inclusive por edição” (AGENCIA BRASILEIRA DO ISBN, 2015). Ou seja, o ISBN pode ser explicado como o identidade do livro, demonstrando-o como um objeto único de publicação, mais fácil de ser publicado e catalogado.

Um ponto importante no texto de Silva (20-) é que o mesmo apresenta o bibliotecário como alguém valioso para que seja feita a catalogação (ficha catalográfica) que deverá ser apresentada no livro pronto e em diversos outros fatores apresentados durante toda a publicação.

2.5.2.3 *Organizado o Livro, Providenciar pelo menos Três Boas Revisões*

Essa é uma fase essencial para a publicação de um arquivo informacional. A diagramação está diretamente ligado com a vontade do leitor/usuário de querer ter aquele material em mãos e que não fique muito chato ou até mesmo desanime o mesmo.

Existe diversas formas, técnicas e estudos que exprimem como uma boa diagramação deve ser — como um fonte diferente poderá sofrer com a comunicação do material informacional com o leitor/usuário, como a forma do texto poderá influenciar também, o tamanho das páginas, as cores e muito mais —, no entanto, o apresenta capítulo visa apenas apresentar que esse fase está relacionada à tomada de decisões em que um editor deverá ter para que tal documento tenha um *feedback* usual para a editora e seu processo de escolhas.

São decisões como o formato da publicação (tamanho da mancha e das margens), escolha das fontes ou caracteres (exceto nos casos de caracteres especiais), uniformização dos sistemas de grifo [...], uniformização do sistema de notas e referências de acordo com as NBR (normas brasileiras) da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) ou outro sistema de normatização.

(SILVA, [2000?], s. p.)

Nessa fase também expressa-se a revisão que o autor irá fazer. Ou seja, depois que o texto fora completamente editado e produzido como o produto pronto (saiu da forma manuscrita para a forma de produção comercial), tal produto voltará para a avaliação do autor, por ser parte importante de toda a publicação. Assim que o autor aprovar, o processo segue para a próxima fase e final. No entanto, se tal processo sofrer alguma reprovação do autor, ele voltará até a parte que fora reprovada e será refeito para que o documento informacional seja o mais fiel das ideias do autor possível.

2.5.2.4 *r o v i e l c i r e r s o s t o e e i s t r i o s P o r t o s d e V e n d a*

A última parte parece a mais fácil de todo o processo de editoração de um documento informacional, no entanto, depois que realmente ele passou por diversos pontos que se pareciam difíceis e ao mesmo cruciais para que o livro consiga ser produzido, é nesse último

processo que o editor deverá se esforçar para conseguir que a obra tenha um grande acesso e que o *feedback* de todo o processo já feito seja positivo.

“A impressão e montagem cabe às gráficas; a distribuição cabe às livrarias (e distribuidoras) e a divulgação cabe a profissionais de comunicação, mas nenhum desses setores vai cuidar de um livro se o editor não tomar as providências necessárias para isto, porque eles são apenas executores de tarefas que lhes são dadas.”

(SILVA, [2000?], s. p.)

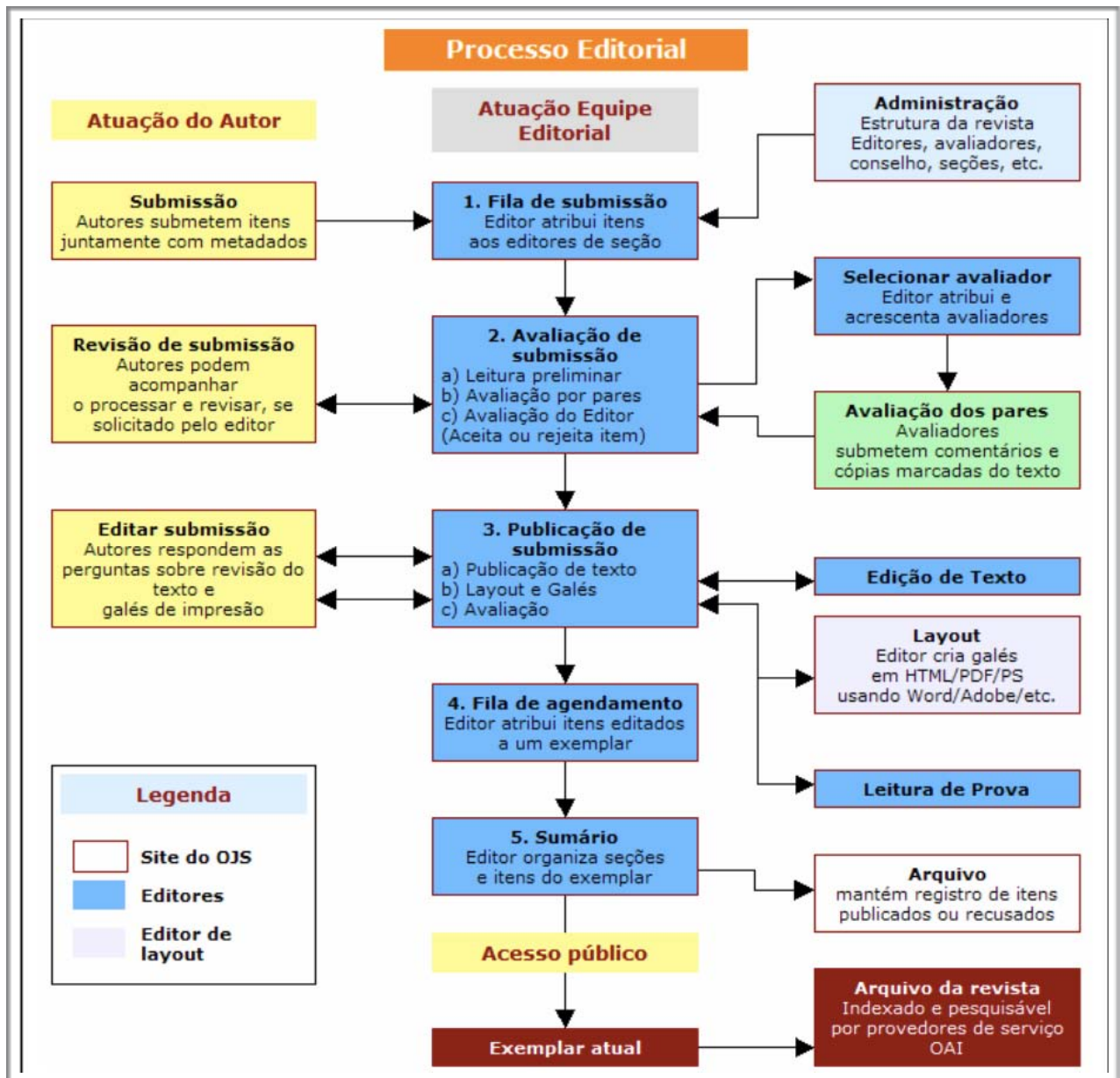
Portanto, para finalizar todo o processo de editoração, Silva (20-) define que o editor geral, por assim dizer, tem que estar diretamente direcionado a todos os processos de publicação editorial, pois ele é o responsável legal de toda a produção documental da publicação informacional do autor e diretamente ligado aos seus leitores/usuários.

2.5.3 Edição de Periódicos Científicos

Será rapidamente explicitado sobre como é o processo de publicação de periódicos científicos principalmente por que tal processo é extremamente interessante e que se adiciona ao entendimento de processo de publicação de qualquer fonte informacional que fora explicitada acima.

Para que seja melhor explicado, o texto de Giovana Maimone e Maria de Fátima Tálamo *Atuação do Bibliotecário no Processo de Editoração de Periódicos Científicos* apresenta um fluxograma geral que permite melhor explicitação de todo o processo e, para finalizar iremos apresentar alguns passos principais para o processo de edição de periódicos científicos ou qualquer texto que se apresente científico que devesse ser publicado e produzido.

Figura 7 – Fluxo de atividades editoriais.



Fonte: Transinformação. Fluxograma do processo editorial. Disponível em: <http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/about.php?OJSSID=4834907892fe67196fa54e10ee744902>. Acesso em: 29 ago 2007.

A figura acima apresenta o processo específico de publicação científica de um periódico e a partir desse ponto podemos descrever apenas para igualar com a publicação de um livro apresentado no ponto anterior para melhor explicação das fases que se apresentam no processo de editoração e para que posteriormente se entenda que um bibliotecário conseguirá fazer parte do processo de publicação de uma forma mais abrangente que apenas normalizando fichas catalográficas apresentadas dentro de um documento informacional.

Falaster, Ferreira e Canela (20- Apud CLARK, 2006) apresentam cinco passos para o processo editorial:

1. O artigo a ser submetido e avaliado pelo editores pelos pares (dois ou mais revisores de conhecimento geral que buscam enquadrar o artigo no periódico ao qual será publicando, procurando todos os pontos importantes para que ele tenham nível de qualidade requerido na editora do periódico;
2. Os revisores e editoras enviam o artigo para três revisores que se ligam ao conhecimento demonstrado no artigo para que haja um parecer do que é tratado o artigo.
3. Os revisores devolvem o arquivo com três pareceres plausíveis: “aceitar, aceitar com menores modificações, aceitar com maiores modificações, ou rejeitar o artigo” (FALASTER; FERREIRA E CANELA (20-) Apud CLARK, 2006).
4. O parecer então é enviado ao pesquisador/autor que poderá analisar tal e concertar os erros explicitados e submete novamente o artigo.
5. Os revisores reavaliam. Se o artigo não esteja ainda pronto à publicação volta ao passo 3, ou então ele segue para ser editado e posteriormente publicado.

2.6. O BIBLIOTECÁRIO COMO EDITOR

Chegamos então ao capítulo crucial para continuação da verificação das ideias apresentadas em todo o trabalho e que representam todo o estudo geral para que se verifique o campo empírico que será demonstrado nos capítulos abaixo.

Observa-se que o bibliotecário e o editor primeiramente eram uma pessoa apenas, com suas funções misturadas e que apresentavam as suas informações juntas de uma forma simples e que fosse mais fácil de ser guardado e depois para que os usuários usassem tal informação, sem nenhuma técnica nem o pensamento de que tal material poderia ser reutilizado há muitas anos atrás. Soube-se, então, que após a invenção da prensa com fontes tipográficas de metal feitas por Gutenberg, o processo editorial se modificou de uma forma que havia a necessidade da criação de editores e que o mercado editorial se tornou mais um produto comercial e foi aumentando a cada época por todo o mundo.

No entanto, deveremos expressar um ponto que poderá começar a discussão de que um bibliotecário está diretamente relacionado com um editor e assim o contrário, pois depois que fora apresentado a importância de ambos para o ciclo de um arquivo informacional que ambos são responsáveis, pode-se entender que na editoração e em diversos pontos apresentados um bibliotecário consegue se encaixar perfeitamente e usar suas técnicas para se tornar um bibliotecário e assim vice-versa.

Para, então, começar a idealizar as questões demonstrativas que igualaram ambas as profissões empresta-se a definição do bibliotecário como editor dito por Silva; Oliveira e Oliveira (20-) exprimem que “a atuação do bibliotecário no processo editorial na sua origem estava preso as atividades de cunho técnico”.

Essa atividades vem se modificando a medida que incorporam-se atributos intelectuais as atividades realizadas pelo tratamento analítico de informações e pela crescente introdução de novas tecnologias no cenário informacional. Assim, o bibliotecário realiza ao mesmo tempo atividades consideradas tradicionais e atividades emergentes.

(SILVA; OLIVEIRA; OLIVEIRA [2000?]s. p.)

Para que se conclua mais aprofundamento nas questões que deverão ser apresentadas, poderemos nos aprofundar nas questões deferidas por Maiome e Tálamo (2008) em seu texto, pois ambas vão fazer o que se pretende ser feito nesse capítulo que se escreve; igualar informações relevantes da profissão editor com as informações relevantes do bibliotecário e, a partir disso, apresentar a versão teórica para que se embase a verificação da premissa apresentada.

Para rápido entendimento do texto apresentado por ambas as autoras, elas apresentam uma base geral teórica nas publicações periódicas e desenvolvem suas teorias no que tal capítulo tem a intenção de demonstrar. Elas apresentam que, com base na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) os “profissionais da informação são compreendidos por Bibliotecários, Documentalistas e Analistas de Informação” (MAIOME; TÁLAMO, 2008). Ela define que havia a necessidade de estudo aprofundado de bibliotecários para “exportação” da informação para os usuários que assim necessitarão.

Baseia-se do texto das autoras um quadro que demonstra, por base da CBO, uma relação das competências dos profissionais da informação conforme demonstrados a seguir:

Quadro1: Competências do profissional da informação, suas correspondências no núcleo de competências exigidas pelas organizações e pela editoração eletrônica.

	COMPETÊNCIAS DO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO NA CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES (CBO)	COMPETÊNCIAS REQUERIDAS PELAS ORGANIZAÇÕES	COMPETÊNCIAS REQUERIDAS PELA EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
01	Manter-se atualizado	Disposição para mudanças	Necessidade de interação com novas tecnologias
02	Liderar equipes	Liderança	Liderança
03	Trabalhar em equipe e em rede	Afetividade + sociabilidade	Afetividade + sociabilidade + trabalho cooperativo com outras revistas
04	Demonstrar capacidade de análise e síntese	Análise e síntese / ou avaliação	Análise e síntese / ou avaliação
05	Demonstrar conhecimento de outros idiomas	Comunicação	Comunicação + tradução / disponibilização dos artigos em outras línguas
06	Demonstrar capacidade de comunicação	Comunicação	Comunicação
07	Demonstrar capacidade de negociação	Negociação	Negociação
08	Agir com ética	Ética ou liderança	Ética ou liderança
09	Demonstrar senso de organização	Organização e planejamento	Organização e planejamento
10	Demonstrar capacidade empreendedora	Realização	Investimento em outras formas de disponibilização da informação científica periódica
11	Demonstrar raciocínio lógico	Criatividade + outras capacidades cognitivas	Criatividade + outras capacidades cognitivas
12	Demonstrar capacidade de concentração	Atenção / priorização	Atenção / priorização
13	Demonstrar proatividade	Antecipar ameaças	Antecipar ameaças
14	Demonstrar criatividade	Flexibilidade / criatividade	Flexibilidade / criatividade

Fonte: Maiome; Tálamo, (2008) Adaptado de Faria et al (2005, p. 30).

Portanto, aponta-se das competências da tabela algumas importantes que referem-se também editoração apontados pelas autoras: “1. Mander-se atualizado; 2. trabalhar em equipe e rede; 3. demonstrar conhecimento de outros idiomas; 4. demonstrar capacidade de negociação + capacidade empreendedora; 5. demonstrar proatividade”. (MAIOME; TÁLAMO, 2008).

O quadro demonstra uma relação entre as capacidades de obrigatórias de um profissional de Biblioteconomia e um profissional de Produção Editorial. Avalia o contraste das competências explícitas pela CBO, com as organizações e com a indústria de livros eletrônicos.

Por fim, é perceptível que o bibliotecário é um profissional capaz de, em uma editora, trabalhar em equipa a fim de fazer um trabalho cooperativo com as revistas para conseguir otimizar serviços e não duplicá-los. Com o conhecimento de outros idiomas, é importante

explicitar que a tradução e disponibilidade dos artigos em outras línguas também fazem parte do que um bibliotecário pode fazer no editorial. “A capacidade de negociação aliada à capacidade empreendedora (realização) pode efetivar investimentos” (MAIOME; TÁLAMO, 2008) e também se tornar uma parte importante do que um profissional bibliotecário poderá fazer.

Portanto, pode-se destacar todos os pontos apresentados pelas autoras como pontos importantes que ligam um bibliotecário de um editor. Em linhas gerais, demonstra-se que com o estudo de base de um bibliotecário pode-se entender que tal profissional consegue se entender que o bibliotecário consegue se “infiltrar” no processo de publicação editorial, pois suas bases de estudos — demonstrados também pela CBO — apresentam que tal profissional tem capacidade para poder fazer parte de um processo editorial de qualquer documento informacional. Pode-se, por final, adicionar que além das técnicas básicas do que um profissional da informação deve ter, um bibliotecário também destaca-se como conhecedor de normas básicas como as da ABNT, que poderão ajudar no processo de produção de um documento informacional.

Tal verificação será melhor apresentada na metodologia de pesquisa demonstrada no capítulo seguinte que avaliará a premissa demonstrada no texto e que fora deferida no decorrer da narração empírica.

2.7 BIBLIOTECONOMIA E PRODUÇÃO EDITORIAL COMO PÓS-GRADUAÇÃO

Esse é um capítulo adicional no processo de construção e desconstrução das áreas estudadas durante todo o trabalho, pois vai apresentar outro ângulo de trabalho em Biblioteconomia e Produção Editorial, pois demonstrará como elas são apresentadas em faculdades de grande importância em outros países que contrastam com a realidade das mesmas no Brasil.

Primeiramente, teremos que voltar a adentrar o conceito de interdisciplinaridade, que está diretamente ligada com todo o contexto do trabalho, pois além de demonstrar ambos os cursos com equivalência, eles também se esbarram em vários outros cursos.

Podemos, então, conceituar interdisciplinaridade, para que, posteriormente, continuemos com suas ideias:

A interdisciplinaridade não dilui as disciplinas, ao contrário, mantém sua individualidade. Mas integra as disciplinas a partir da compreensão das múltiplas causas ou fatores que intervêm sobre a realidade e trabalha todas as linguagens necessárias para a constituição de conhecimentos, comunicação e negociação de significados e registro sistemático dos resultados. BRASIL (1999, p. 89)

Brasil (1999) apresenta que a interdisciplinaridade tem o objetivo de integrar qualquer disciplina. Ou seja, é simplesmente uma teia toda ligada de disciplinas, conceitos e informações que poderão ser reutilizadas em diversos pontos, dessa teia a relação é infinita.

Portanto a partir da conceitualização de interdisciplinaridade pode-se explicitar melhor sobre o motivo desse capítulo em específico apresentar como esse conceito define as ideias baseadas nas divisões do exterior explicitadas nas universidades exteriores.

Em linhas gerais, esse capítulo serve apenas para apresentar a visão de Biblioteconomia e Produção Editorial nas faculdades do exterior.

Primeiramente, é importante identificar que, normalmente a graduação dessas universidades é dividida em escolas. Demonstrate³ é o exemplo da Yale University:

A Universidade divide seus programas em três: Professional Schools (Escolas Profissionais), Non-Degree Programs (Programas sem Grau), e Other Programs (Outros Programas). Os Programas Sem Grau são programas para alunos que querem fazer cursos na universidade e ainda estão no Ensino Médio; outros programas referem-se à cursos de verão e cursos de integração internacional.

O importante é explicitar que as escolas profissionais estão divididas à grandes assuntos da ciência que são divididos pela própria universidade em cursos de graduação e pós (especialização – Master, MBA). Entende-se que Biblioteconomia e Produção Editorial são cursos extra que servem para melhoramento da carreira que o estudante quer seguir e/ou está seguindo.

Por exemplo, novamente, da Yale University, ela comporta um curso completo de *publishing* (Produção Editorial) que se tem como objetivo e especialização e aprofundamento de profissionais que querem seguir para tal ramo. Não há especificação de graduação específica, mas a necessidade de que o profissional que queira fazer esse curso ter tido estudos anteriores sobre isso (a volta da interdisciplinaridade).

³ Yale University é situada na cidade Boston, USA, e grande renomada dentre as universidades do mundo é a 10 Melhor Universidade segundo a Revista Exame (2014).

Em linhas gerais, tal capítulo tem objetivo de apresentar uma outra visão para com Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação e Comunicação Social: Produção Editorial, demonstrando que ambas as profissões têm interdisciplinaridade para com qualquer pessoa que queira estudar mais aprofundamento qualquer uma delas. No entanto, é importante observar que é essencial estudos mais aprofundados em qualquer profissão e ambas são bastante estudadas no Brasil mais profundamente.

3 METODOLOGIA

O trabalho chega ao ponto mais crucial e importante; como verificar a premissa definida nos capítulos anteriores a que foi abordada, pois tal está diretamente relacionada à toda a conclusão do trabalho, visando atender aos princípios de cada profissão e demonstrar que, elas podem trabalhar em conjunto.

Um ponto importante a ser destacada é que o estudo não pretende mudar, extinguir ou juntar nenhuma das duas áreas as quais são foco de estudo de tal, mas apresentar que, por meio da interdisciplinaridade, a biblioteconomia poderá ajudar de várias formas o mercado de produção editorial e demonstrar que ambas podem ser de grande base entre as mesmas.

Nesse capítulo, o trabalho se apresentará exatamente como a relevância de demonstração do que fora entendido no desenvolvimento do estudo sobre o assunto. Ou seja, para que todos os demonstrativos apresentados nos capítulos e seções anteriores, o autor desse trabalho apresentará de forma pesquisada termos e métodos que foram referidos nos autores que foram abordados pelo trabalho.

3.1 CAMPO EMPIRICO

Trabalhar-se-a com três tipos de verificações para coletar dados e que sejam importantes para a conclusão desse trabalho: pesquisa na grade curricular de ambos os cursos Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação e Comunicação Social: Produção Editorial, ambos na instituição Universidade Federal do Rio de Janeiro; coleta de dados de uma quantidade de editoras com entrevista simples; e coletar dados com estudantes de Biblioteconomia para finalização da verificação.

Os três pontos importantes de coletas de dados estarão sendo melhor explicados nos tópicos a seguir sobre o porquê de serem importantes para avaliação e, então, conclusão do trabalho:

A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) foi escolhida em especial por ser a universidade ao qual tal trabalho será apresentado e também por ser a única universidade no Rio de Janeiro que, 1) tem o único curso de Biblioteconomia com foco também voltado a gestão (que poderá ser visto como de organizações no geral); e 2) tem o único curso de Comunicação Social que também tem o módulo de Produção Editorial, ou seja, o “fazer editor” que o presente trabalho pretende demonstrar.

Coleta de dados (explicitado no capítulo seguintes) em editoras foi escolhido para demonstrar se existem profissionais Bibliotecários que exercem alguma função no mercado editorial. A ideia é demonstrar a possibilidade e, posteriormente, com as pesquisas apontar se há algum problema nas possibilidades e, se sim, demonstrar porquê.

Coleta de dados referenciados aos alunos de Biblioteconomia cujos alunos foram escolhidos também por serem alunos da UFRJ, no entanto, sem necessidade de período requerida. Ou seja, poderão ser alunos do primeiro ao oitavo período que queiram responder ao questionário.

3.2 OS DADOS

As técnicas de avaliação serão básicas. A partir do momento que fora designado todos os fatores e população ao qual as técnicas serão abordadas, é importante verificar que, primeiramente, será usado uma tabela de comparação como a demonstrada por Tálamo e Maiane no momento em que usaram de mesma tabela para visualizar as extremidades das “competências do profissional da informação, suas correspondências no núcleo de competências exigidas pelas organizações e pela editoração eletrônica” (TÁLAMO, MAIANE, 2005).

3.2.1 Grade de Ambos os Cursos

A seguir, apresenta-se a grade curricular dos cursos de Biblioteconomia e Gestão de Unidade de Informação e Comunicação Social: Produção Editorial referentes à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), informações retiradas da página de Cursos da Universidade.

A grade horária de Biblioteconomia refere-se ao curso dado no Campus *Cidade Universitária* (Fundão).

Quadro 2: Adaptado de UFRJ.

BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADES DE INFORMAÇÃO	COMUNICAÇÃO SOCIAL: PRODUÇÃO EDITORIAL
<i>1º Período</i>	<i>1º Período</i>
Fundamentos da Administração	Comunicação e Realidade Brasileira
Fundamentos da Biblioteconomia e Ciência da Informação	Linguagem Gráfica
História do Registro da Informação	Comunicação e Filosofia
Comunicação e Realidade Brasileira	Comunicação e Artes
Introdução à Economia	Teoria da Comunicação I
Língua Portuguesa I	História da Comunicação I
	Língua Portuguesa I
<i>2º Período</i>	<i>2º Período</i>
Tecnologias da Informação e Comunicação	Sistemas e Tecnologias de Comunicação
Administração de Unidades de Informação I	Comunicação e Economia
Bibliotecas, Informação e Sociedade	Laboratório de Comunicação a
Representação Descritiva I	Linguagem Audio Visual I
Lógica Clássica	Comunicação, Psicologia e Cognição
Inglês Instrumental I	Teoria da Comunicação II
	Língua Portuguesa II
<i>3º Período</i>	<i>3º Período</i>
Teoria das Organizações	Comunicação e Marketing

Representação Temática I	Sistemas de Informação
Serviço de Referência	Laboratória de Comunicação B
Representação Descritiva II	Linguagem Audio Visual II
Introdução à Contabilidade	Fotografia
Introdução à Sociologia	Antropologia da Comunicação
	Teoria da Comunicação III
4º Período	4º Período
Processo Decisório	Processos Gráficos
Automação de Unidades de Informação	Redação Técnica I
Administração de Unidades de Informação II	Editoração
Recursos Informacionais I	Tópicos Especiais em Edição a
Representação Temática II	
Planejamento de Unidade de Informação	
Estágio Supervisionado de Biblioteconomia	
5º Período	5º Período
Análise da Informação	Marketing Produção Editorial
Recursos Informacionais II	Cálculo de Custos e Matérias Primas
Normalização da Documentação	Edição de Livros
Marketing em Unidades de Informação	Redação Técnica II
Gestão de Informação e Conhecimento	
Estágio Supervisionado de Gestão de Infor	
6º Período	6º Período
Metodologia de Pesquisa	Legislação e Ética em Comunicação

Fundamentos de Recursos Humanos	Layout Editorial
Indexação e Resumo	Redação Técnica III
Finanças em Unidades de Informação	Expressão em Linguagens Digitais
Formação e Desenvolvimento de Coleções	
Competência em Informação	
7º Período	7º Período
Sistemas de Recuperação da Informação	Projeto Experimental I
Arquitetura da Informação	Direito Autoral em Produção
Extensão Cultural em Unidades de Informação	Tópicos Especiais em Edição B
Gerenciamento Eletrônico de Documentos	
Planejamento e Gestão de Projetos	
Projeto Final I	
Filosofia na Administração	
8º Período	8º Período
Ética na Administração	Projetos Experimentais em Editoração
Comunicação Científica	
Conservação e Preservação de Suportes Informacionais	
Análise e Modelagem de Processos	
Projeto Final II	
Historia da Tecnologia	
Psicologia das Organizações	

Lista de Cursos. Acessado em: 02 de Julho de 2015

<<https://www.siga.ufrj.br/sira/repositorio-curriculo/ListaCursos.html>>

Antes de finalizar o capítulo, é importante primeiramente apontar algumas observações sobre as grades apresentadas acima:

Observação 1: Há uma disciplina eletiva chamada *Editoração* na listagem de disciplinas eletivas de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação;

Observação 2: Produção Editorial é uma “escolha” do ciclo de Comunicação Social da UFRJ, divididos entre: Jornalismo, Produção Editorial, Publicidade e Propaganda e Radialismo. Tais são escolhidos após a conclusão do Terceiro Período.

3.3 ANÁLISE DOS DADOS

Após a demonstração de todos os dados necessários para verificar a premissa apresentada no início de todo o trabalho e também concluir todas as ideias apresentadas no mesmo. Portanto, essa análise está diretamente ligada à apresentação de pontos fortes que poderão ajudar na conclusão lógica.

3.3.1 Grade Curricular

Primeiramente, é importante pontuar que, mesmo que alguns períodos demonstrados entre as grades de Biblioteconomia e Produção Editorial tenham quantidades de cursos diferentes, percebe-se também que tal é devido ao fato de que o primeiro ciclo de Comunicação Social é totalmente voltado para a Comunicação no Geral e, posteriormente, as disciplinas serão direcionadas para o curso escolhido.

O quadro abaixo avalia, dentro dos dois cursos, as disciplinas que podem ser igualadas por terem bases em outras disciplinas e que possibilitam a comparação de ambas:

Quadro 3

Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação	Comunicação Social: Produção Editorial
Introdução à Economia	Comunicação e Economia
Tecnologias de Comunicação e Informação	Sistemas de Tecnologia da Comunicação
Marketing em Unidades da Informação	Comunicação e Marketing
Marketing em Unidades da Informação	Marketing em Produção Editorial
Sistemas de Recuperação da Informação	Sistemas e Tecnologia da Comunicação

Tabela de Comparação de Disciplinas

Há algumas observações a serem feitas sobre a tabela comparativa:

Observação 1: Algumas disciplinas apresentadas em Biblioteconomia e iguais em Produção Editorial são duplicadas no primeiro ciclo da Comunicação Social e na escolha posterior;

Observação 2: Algumas disciplinas de administração de organizações são levemente retratadas em Comunicação Social;

Observação 3: Ambos os cursos trabalham com Informação e Comunicação em suas formas especializadas.

Pode-se, primeiramente, perceber que o que há de diferente entre Biblioteconomia e Produção Editorial é, basicamente, que a primeira trabalha diretamente com a gestão dessa informação (o propósito do Ciclo da Informação e da Comunicação) e a segunda está diretamente relacionada à necessidade da produção dessa informação de forma sistemática e com lucros e trabalha também com a comunicação direta, a partir do momento que se demonstra a necessidade de tal curso/profissão por ser uma forma das mais de comunicação informativa.

Em linhas gerais, entende-se que a Biblioteconomia (em especial na Universidade Federal do Rio de Janeiro) está diretamente voltada à Administração e Gestão da Informação,

e de suas Unidades, podendo ser comprovada em disciplinas como Fundamentos da Administração, Teoria das Organizações, Processo Decisório, Automação de Unidades de Informação, Gerenciamento Eletrônico de Documentos, e outros, ainda tendo seu âmbito em tentar guardar de forma normativa a informação. Enquanto o curso de Comunicação Social: Produção Editorial está voltada para todo o processo de produção da informação com disciplinas que ajudam isso, ela também está voltada para a propagação da comunicação.

4 CONCLUSÃO

E, por fim, o presente trabalho chega ao último capítulo a fim de apresentar todas as ideias apresentadas nos capítulos que se precederam e demonstrar a verificação de toda a informação pré-obtida juntamente com a *Premissa* do devido trabalho,. Portanto, nessa conclusão o autor que vos fala tratara primeiramente da verificação da premissa ou, mais precisamente, de pontos importantes que transformaram a premissa em ponto positivo para conclusão do trabalho.

Ou seja, com o objetivo hipotético prévio de que ambos os profissionais bibliotecários e os produtores de livros podem sim, depois de estarem separados por diversos fatores apresentados anteriormente que entraram na formação até o século XXI de ambas as profissões, elas podem ainda continuar a trabalhar juntas. Na verdade, elas podem juntar suas técnicas estudadas em seus cursos de graduação para que ambas as profissões se tornem mais completas. Em linhas gerais, tanto biblioteconomia pode sim trabalhar no ramo editorial, como os produtores editoriais podem trabalhar juntamente com bibliotecários e/ou cientistas da informação ao desenvolver melhor os campos profissionais delas.

Mas como a premissa fora confirmada?

Simplesmente demonstrando que: 1) pela historia as profissões de Bibliotecário e editor estavam bem próximas; e 2) analisando a grade curricular dos cursos na Universidade Federal do Rio de Janeiro se aproximam, pois ambas trabalham com o mesmo objeto: o documento. No entanto, podemos destacar que a Biblioteconomia da UFRJ tem foco em gestão de uma unidade de informação e a Produção Editorial está direcionada ao foco de “produção” de um conteúdo.

Pontuando:

- * Há conteúdos de biblioteconomia e Produção Editorial em ambos os cursos;
- * Ambos têm histórico ligados;
- * Ambos são cursos de pós-graduação fora do Brasil (talvez a explicação por Produção Editorial estar ligado a Comunicação Social no Brasil deverá ser por que o processo de “produção” de um material seja visto no país por comunicação, mais não informação);
- * As profissões podem trabalhar em conjunto, isso por que ambas têm base para o trabalho que apresentam no mercado.

Para finais decorridos, o presente autor apresentará apenas mais três objetivos diretos para demonstrar possível estudo para que a Produção Editorial não seja profundamente estudada no cursos de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Isso ocorro por um motivo importante, mas com mais duas possibilidades apresentadas abaixo:

1. O curso de Biblioteconomia tem apenas uma pequena ligação com Produção Editorial: a disciplina eletiva de mesmo nome dada na Escola de Comunicação. Ou seja, não é amplamente abordado essa “opção” de abrangência de estudos em biblioteconomia no curso;

2. Esse ponto está diretamente ligado ao ponto .1: os alunos de biblioteconomia não tem interesse em fazer parte do mercado editorial. Mas por que? Teremos algumas respostas que merecem ser estudadas posteriormente: não há grande divulgação dessa possibilidade; elas não se veem encaixadas nesse mercado, já que não têm essa brecha de conhecer melhor; ou elas não tem mesmo interesse por não ser objetivo lucrativo dos alunos para profissão.

Para finalizar a conclusão direta do presente trabalho, aprendeu-se que, como fora previsto no início do trabalho, o bibliotecário está diretamente relacionado com a editoração, não que outras profissões não estejam. Pode-se demonstrar que a biblioteconomia está diretamente ligada há um conceito que engloba toda a ideia do trabalho: interdisciplinaridade.

REFERÊNCIAS

BRAGANÇA, Aníbal. Por que foi, mesmo revolucionária a invenção da tipografia? O Editor-Impressor e a construção do mundo moderno. In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Bahia, 2002. [não paginado].

DUMONT, Lígia Maria Moreira; CARVALHO, Maria da Conceição; AUN, Marta Pinheiro; SAKAI, Satie. A editoração no Brasil: aspectos gerais. In: R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, v. 8 n. 2, p. 156-184, 1979.

FALASTER, Christian Daniel; FERREIRA, Manuel Anibal Silva Portugal Vasconcelos; CANELA, Renata. Avaliação de Artigos Periódicos de Administração: Lacunas, Problemas Frequentes e Motivos de Rejeição na Perspectiva dos Editores e Revisores. In: Educação, Pesquisa em Administração e Caso de Ensino. ESPM, São Paulo, 20-.

FISCHER, Steven Roger. História da Leitura. São Paulo: Ed. UNESP, 2006

MARTINS, Wilson. A Palavra Escrita: História do Livro, da Imprensa e da Biblioteca. Ed. Anhembi, São Paulo, 1957.

MAIMONE, Giovana; TÁLAMO, Maria de Fátima. A Atuação do Bibliotecário no Processo de Editoração de Periódicos Científicos. In: Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.13, n.2, p.301-321, jul./dez., 2008.

MCMURTHIE, Douglas C. O Livro: Impressão e Fabrico. Lisboa: Fundação Caloute Gulbenkian, 1997.

RUSSO, Mariza. Fundamentos em Biblioteconomia e Ciência da Informação. E-Papers Serviços Editoriais, Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, José Pereira da. Como Se Fal Um Livro?. Cadernos do CNLF, Vol. XVI, No 03 –
Livro de Minicursos e Oficinas